

NOTAS SOBRE POESIA, DITADURA E ESCOLA**Pedro Albeirice da Rocha (1*)****RESUMO**

A Poesia no Brasil é um tema que precisa ser mais estudado. Sua presença no contexto da ditadura militar (1964-1985) constitui um tema muito interessante, que é brevemente focado na primeira parte deste artigo. O único poema muito conhecido de Rudyard Kipling, *Se*, é um exemplo da utilização moralista da Poesia. Esse poeta angloindiano é focalizado ao lado do escritor brasileiro Olavo Bilac. Na segunda parte, há algumas notas sobre a presença de poemas em livros didáticos brasileiros.

Palavras-chave: Poesia; ditadura; livro didático.

ABSTRACT

Poetry in Brazil is a theme that needs to be more studied. Its presence in the context of military dictatorship (1964-1985) is a very interesting theme that is briefly focused in the first part of this article. The only very known Rudyard Kipling's poem in Brazil, *If*, is an example of moralistic use of Poetry. This Angloindian poet is focused beside Brazilian writer Olavo Bilac under this point-of-view. In the second part, there are some notes on the presence of poems in didactic Brazilian books.

Key-words: Poetry; dictatorship; didactic book.

INTRODUÇÃO

Ora direis, escrever sobre Poesia. Ofício difícil. Poesia remete ao abstrato, musgo medrando no concreto da vida (pós?)-moderna.

Meu contato com a poesia vem de bem cedo, da infância. Os livros-texto do antigo curso primário não remetiam diretamente aos versos: *Meus Exercícios*, *As Mais Belas Histórias*, *Alegria de Ler*, o penúltimo um clássico longevo de Lúcia Casassanta (1908-1989), davam preferência à prosa.

Mas, como era a difusão da Poesia nos anos da Ditadura?

BREVES ANOTAÇÕES

Nas ruas, a poesia sofria sob os coturnos da ditadura militar, mas insistia. Como sempre. Meu pai, de vez em quando, declamava um ou outro verso, aguçando minha curiosidade. Como esses, de Vicente de Carvalho (1866-1924):

Deixa-me, deixa-me, fonte!

Dizia a flor, a chorar:

Eu fui nascida no monte...

Não me leves para o mar.

Eu ficava pesaroso pela tristeza da flor, que perdia a batalha contra a correnteza, algoz da pobrezinha. O final do poema mostrava, mais ainda, o inexorável:

E a fonte, sonora e fria,

Com sussurro zombador

Por sobre a areia corria,

Corria levando a flor.

Esse poema fazia muito sucesso, presente em inúmeros compêndios escolares. E foi, inclusive, citado no clássico da narrativa *Meu Pé de Laranja Lima* (de José Mauro de Vasconcelos – 1920-1984), através do narrador-personagem Zezé.

Outro poema que frequentou as paredes de escritórios de advocacia, salas de espera de médicos, sendo, também, distribuído de mão em mão foi o *If*, de Rudyard Kipling (1865-1936), principalmente na tradução de Guilherme de Almeida, que assim começava:

Se és capaz de manter a tua calma quando

Todo mundo ao teu redor já a perdeu e te culpa...

O poema, de forte fundo moral, continuava, em tom solene, para terminar em tom encomiástico a quem fosse capaz de ter todas as virtudes morais nele delineadas:

*Tua é a terra com tudo o que existe no mundo
E o que mais – tu serás um homem, ó meu filho!*

Rudyard Kipling, a propósito, é um capítulo à parte no que tange a sua recepção no Brasil. Narrador e poeta fecundo, é conhecido, em nosso País, somente pelos únicos livros traduzidos por aqui: *The Jungle Books* (1893-1894) e *Kim* (1901). As traduções, de Monteiro Lobato, foram lançadas em volume único (*O Livro da Jângal*) e em tomos separados (*Mowgli, o menino-lobo* e *Jacala, o crocodilo*), todas na década de 1930. De suas dezenas de poemas, louvados por ninguém menos que T. S. Eliot (1888-1965), apenas o *If* foi traduzido com destaque. *The White man's burden* e *The Female of the Species* também são conhecidos, mas apenas em fragmentos.

Em minha formação, a prosa teve total predominância. Antes de José Mauro de Vasconcelos, bebi abundantemente da fonte de Vicente Guimarães, o vovô Felício, autor de considerável sucesso entre as crianças da década de 1960. Seu trabalho, porém, privilegiava as narrativas.

Mas, quanto aos versos, nas escolas, durante minha infância e adolescência, predominavam os poemas de cunho moral, já que estávamos em plena Ditadura. Olavo Bilac (1865-1918) era quase uma divindade por esses tempos e sabíamos, praticamente de cor, o poema XIII de sua *Via Láctea*. *Ora direis ouvir estrelas, certo perdeste o senso...*

E o final, taxativo, evocava o império da abstração:

*E eu vos direi: amai para entendê-las
Pois, só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas.*

Muito tempo depois, com o advento do Modernismo e suas paródias, surgiria o divertido texto de Juó Bananere, pseudônimo de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado (1892-1933) que, com presença de espírito, escreveu, no linguajar ítalo-brasileiro utilizado pelos operários imigrantes, em São Paulo, os seguintes versos:

*Io ti diró: - Studi p'raintendela
Pois só chi giástudôAstrolomia
É capaiz de intendêistasstrella.*

Nos anos 1970, além dos poemas de cunho moral e cívico, foi grande o incentivo ao conhecimento de hinos pátrios e encomiásticos às Forças Armadas. Além do Hino Nacional Brasileiro e do Hino à Bandeira, foram muito difundidos o Hino à Independência, O Hino à República e a Canção do Soldado.

Talvez por analogia aos hinos pátrios, foi grande a difusão do soneto, em livros didáticos e festas escolares. Além de Vicente de Carvalho e Olavo Bilac, também ficaram muito conhecidos os poetas Raimundo Correia e Alberto de Oliveira. A beleza dos versos de Correia ficaram marcadas na mente de muitos leitores, em especial o poema *As Pombas*, provavelmente o exemplar maior da aquarela do parnasiano. *Raia, sanguínea e fresca a madrugada* e *No azul da adolescência as asas soltam* são versos inesquecíveis.

POESIA E LIVRO DIDÁTICO

Os livros didáticos, nos anos setenta, apresentavam essa preocupação de formação dos leitores. Se é bem verdade que havia um interesse em formar conservadores, não se pode deixar de reconhecer que houve o fomento ao amor pelas letras. Dentre esses autores de compêndios escolares, destaco: Reinaldo Mathias Ferreira, Domício Proença Filho, Izaías Branco da Silva e Domingos Paschoal Cegalla. O segundo era autor de um livro difícilíssimo, com textos de excelente nível, considerado, por muitos, *pesado* para o Ginásio, que corresponde, hoje, aos anos finais do Ensino Fundamental.

Mas, não eram apenas os parnasianos que tinham grande divulgação durante as aulas. Castro Alves (1847-1871) era, provavelmente, o poeta mais incensado, especialmente por causa de *O Navio Negreiro*, poema extenso que era, mesmo assim, decorado por não poucos alunos, devido a sua beleza e também ao incentivo para declamação. Imagens belíssimas emprestavam à denúncia das injustiças um brilho ímpar:

*Mas, que vejo eu aí, que quadro d'amarguras
É canto funeral! Que tétricas figuras!
Que cena infame e vil... meu Deus! meu Deus! Que horror!*

Outro poema do escritor baiano, muito difundido e conhecido como uma “apóstrofe sublime”, é *Vozes d'África*, também encerrando construções imponentes, como *Hoje em meu sangue a América se nutre/Condor que transformara-se em abutre*.

Por sua vez, dos modernistas, talvez o mais divulgado foi Manuel Bandeira, com destaque para *Os Sapos*, uma grande provocação à forma fixa e ao ofício que Bilac eternizou no verso polissindético *Trabalha e teima e lima e sua*:

*O sapo-tanoeiro,
parnasiano aguado
diz: 'Meu cancioneiro
'é bem martelado'.*

Também famoso era o poema *Meninos Carvoeiros*, uma joia de coloquialidade, com versos sensíveis como *Pequenina ingênua miséria* e *Adoráveis carvoeirinhos que trabalhais como se brincásseis*.

A presença da Poesia nos livros didáticos constituía-se num convite para que os estudantes conhecessem a produção de nossos autores enquanto estudavam gramática e sintaxe. Os textos eram, na verdade, pretextos para os estudos de análise sintática o que, não raro, suscitava algumas confusões, a exemplo da rigidez normativa que dizia ser a oração formada por “sujeito, verbo e complemento”, nessa ordem. Os dois primeiros versos do Hino Nacional Brasileiro, cuja letra foi escrita por Joaquim Osório Duque Estrada (1870-1927) ainda hoje geram alguma confusão:

*Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante.*

Qual o sujeito? Há quem afirme que seja indeterminado. A inversão dos termos, bem comum no Parnasianismo, é responsável pela celeuma. A ideia simplista de que a oração é constituída por, nessa ordem, *sujeito-verbo-complemento* cai por terra com muita facilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viu-se que a Escola pode direcionar a atenção a um tipo de texto que não seja engajado. Os poemas parnasianos, pelo culto à forma, em geral não se prestam a reflexões políticas, passando longe do panfletarismo e sem preocupação, *a priori* com um engajamento dessa ordem.

Este tema é por demais interessante e espero, com este artigo, ter instigado a curiosidade para que se pesquise mais a respeito. Que a Poesia seja mais estudada e também mais divulgada.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Manuel. **Itinerário de Pasárgada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1993.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Português Fundamental**. São Paulo: Companhia /editora Nacional, 1974.

FERREIRA, Reinaldo Mathias. **Estudo dirigido de português**. São Paulo: Ática, 1971.

HALEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: Edusp, 1985.

PROENÇA FILHO, Domício. **Língua portuguesa: comunicação e cultura**. São Paulo, Editora do Brasil, 1972.

SILVA, Izaías Branco. São Paulo, 1973. **Cadernos de português fundamental**. São Paulo: IBEP, 1973.

ⁱ * Doutor em Teoria da Literatura, professor da Universidade Federal do Tocantins em colaboração técnica com a Universidade Federal de Santa Catarina